

Outros Tempos, vol. 14, n. 24, 2017 p. 17 - 34. ISSN: 1808-8031

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v14i24.589>

SOBERANIA NACIONAL EM RISCO: uma crítica de Belisário Penna à ação da fundação Rockefeller no Brasil (1923)¹

NATIONAL SOVEREIGNTY AT RISK: a critique of Belisário Penna to the action of the Rockefeller Foundation in Brazil (1923)

SOBERANÍA NACIONAL EN RIESGO: una crítica de Belisário Penna a la acción de la fundación Rockefeller en Brasil (1923)

LEONARDO DALLACQUA DE CARVALHO

Doutorando em História das Ciências e da Saúde na Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ-RJ.

Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

leo.historiafiocruz@gmail.com

Resumo: Trata-se de uma crítica elaborada por Belisário Penna a respeito da atuação da Fundação Rockefeller enquanto interventora nas questões de Saúde Pública do Brasil, mais precisamente no combate à febre amarela, no ano de 1923. O objetivo da presente investigação é demonstrar como Penna enumerou os problemas de tal intervencionismo para seu interlocutor, o médico e político Raul Leitão da Cunha, na tentativa de convencê-lo dos perigos da cooperação da filantropia estadunidense tanto numa perspectiva nacionalista como de disputa de técnicas científicas de combate à febre amarela.

Palavras-chave: Belisário Penna. Raul Leitão da Cunha. Fundação Rockefeller.

Abstract: This is a critique developed by Belisário Penna regarding the role of the Rockefeller Foundation as an intervener in the issues of Public Health in Brazil, specifically, the fight against yellow fever in the year 1923. The objective of this present investigation is to demonstrate how Penna listed the problems of such interventionism to his interlocutor, a doctor and politician, Raul Leitão da Cunha, in an attempt to convince him of the dangers of USA's philanthropic cooperation, both as nationalist perspective and as disputed scientific techniques to combat yellow fever.

Keywords: Belisário Penna. Raul Leitão da Cunha. Rockefeller Foundation.

Resumen: Se trata de una crítica elaborada por Belisário Penna acerca de la actuación de la Fundación Rockefeller como interventora en las cuestiones de Salud Pública de Brasil, más precisamente en el combate a la fiebre amarilla, en el año 1923. El objetivo de la presente investigación es demostrar como Penna enumeró los problemas de tal intervencionismo para su interlocutor, el médico y político Raul Leitão da Cunha, en el intento de convencerlo de los peligros de la cooperación de la filantropía estadounidense tanto en una perspectiva nacionalista como de disputa de técnicas científicas de combate a la fiebre amarilla.

Palabras clave: Belisário Penna. Raul Leitão da Cunha. Fundación Rockefeller.

¹ Artigo submetido à avaliação em junho de 2017 e aprovado para publicação em novembro de 2017.

“Se algum dia nos advier alguma contrariedade por aceitarmos a colaboração da Rockefeller, não se dirá que não foi ela prevista e denunciada”.

Belisário Penna

Esta investigação corresponde à análise de uma correspondência datada de 26 de setembro de 1923 assinada pelo médico sanitário Belisário Penna e endereçada a Raul Leitão da Cunha, médico e político brasileiro. O conteúdo da carta oferece um prisma particular de Belisário Penna a respeito da parceria firmada entre a Fundação Rockefeller e o governo brasileiro para controlar e sanear os problemas de febre amarela. Na correspondência serão elencados os fatores de discordância de tal parceria, uma vez que Penna foi um médico militante na saúde pública e esteve intimamente vinculado à luta contra a febre amarela desde o início do século XX, quando atuou como inspetor sanitário conjuntamente com o médico Oswaldo Cruz e a Diretoria Geral de Saúde Pública no Rio de Janeiro.

É preciso ressaltar em um primeiro momento o significado do documento para o presente artigo. O objetivo é demonstrar como uma carta sugere o repensar da atuação da Rockefeller na perspectiva de Belisário Penna. Mediante o acervo analisado e a produção intelectual do médico barbacenense, nota-se mais a receptividade do que críticas à parceria. A fonte em questão é uma possibilidade de observar um Penna emitindo críticas ácidas e combativas sobre a fundação, dificilmente vista na sua atuação como homem público. Isso só foi possível por meio da análise da documentação de cunho íntimo, relacionada às cartas pessoais.

O documento foi extraído da Série 2, do Fundo Belisário Penna, localizado no Departamento de Arquivos e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (COC). A série abriga o conjunto de correspondências trocadas por Belisário Penna com familiares, amigos e outros intelectuais ao longo da sua vida pessoal e trajetória profissional. Entre as centenas de cartas, esta chamou atenção devido ao conteúdo mencionar a Fundação Rockefeller, especialmente no esforço particular de Penna em convencer Leitão da Cunha sobre as incoerências e malefícios na manutenção da cooperação. Nos arquivos consultados não foi possível identificar – se aconteceu – a resposta de Leitão da Cunha a Penna. Ao trabalhar com as fontes, discutirei os argumentos de Penna pautados tanto em uma questão médica e técnica como nas preocupações condizentes ao nacionalismo e à soberania nacional.

No que diz respeito à organização do Fundo Belisário Penna, como orientou Maria Teresa Villela Bandeira de Mello, é preciso destacar a influência de arquivistas e

documentalistas na disposição do material, particularmente aquele advindo de doações no qual há uma pré-organização. Desse modo, deve-se ficar atento às decisões que condicionam a arrumação do arquivo, desde suas subjetividades às situações que transformem o patrimônio documental.²

Portanto, o rigor teórico-metodológico empreendido na análise das cartas e dos arquivos privados guia o historiador para que não seja seduzido pela “ilusão da verdade”³. Esta perspectiva na produção historiográfica contribui para não tomar os arquivos como fonte de verdades escondidas, uma vez que sua disponibilidade ao público é centralizada. Ao compartilhar “[...] ideais, projetos e expectativas das mais diversas”⁴, no caso de Penna e seu destinatário, há o cuidado na idealização dos sujeitos por meio da correspondência e sua espontaneidade. Como define Ângela de Castro Gomes, os arquivos privados abrem o leque da pluralidade de escolhas para o historiador:

A descoberta dos arquivos privados pelos historiadores em geral está, por conseguinte, associada a uma significativa transformação do campo historiográfico, onde emergem novos objetos e fontes para a pesquisa, a qual, por sua vez, tem que renovar sua prática incorporando novas metodologias, o que não se faz sem uma profunda renovação teórica, marcada pelo abandono de ortodoxias e pela aceitação da pluralidade de escolhas. Isto é, por uma situação de marcante e clara diversidade de abordagens no ‘fazer história’.⁵

A conturbada relação na cooperação internacional

A vinda da Fundação Rockefeller ao Brasil para sanar impasses na saúde pública esbarrou em apoios e críticas em diferentes contextos políticos. À medida que muitos médicos e intelectuais aplaudiam a colaboração, outros, por sua vez, mantinham olhares receosos quanto ao uso técnico da fundação estadunidense e às consequências negativas de tal intervenção em termos de autonomia e soberania nacional. Faço alusão mais especificamente

² MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira de. Arquivos de cientistas como fontes para a história das ciências. In: MOLLO, Helena Miranda (Org.). *Biografia e história das ciências: debates com a história da historiografia*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. p. 120.

³ GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, n. 21, p. 126, 1998.

⁴ GONTIJO, Rebeca. “Paulo amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita de História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 165.

⁵ GOMES, op. cit., p. 121-127.

ao período de 1916, no qual a pesquisadora Ilana Löwy reproduz as palavras do médico Plácido Barbosa em vista dessa preocupação:

Mas que vergonha! Eles estão nos passando atestado de incompetência. Os recursos que estão nos propondo não são dinheiro, mas atividade e eficiência. São os nossos ricos vizinhos, orgulhosos, bem educados e cheios de compaixão, que batem à nossa porta para pedir licença para limpar nossas casas das pestilências que não conseguimos eliminar. Só temos que lhes desejar boas-vindas e aplaudi-los, mas vendo que nosso país é obrigado a admitir sua incapacidade de resolver seus problemas administrativos, todavia tão pouco complicados, só nos resta enrubescer de vergonha. Sentimo-nos mal em pensar que um dia possam surgir outros guardiões de nossos negócios, mais interessados e menos delicados, e não motivados pela generosidade e pelo amor à ciência. Suas ações também poderão ser justificadas por nossa negligência, nossa ignorância, nossa fraqueza, nossa falta de retidão moral.⁶

O fragmento acima, se contextualizado em sua totalidade, apresenta um apanhado de questões referentes à saúde pública e a seus enfrentamentos políticos e sociais. Entre os vários tentáculos do ácido comentário de Barbosa, nota-se o posicionamento na defesa da ciência nacional em paralelo com a “ciência do Outro”, sobretudo no modo de lidar com os dilemas nacionais. Para Barbosa, o brasileiro tinha condição por meio de sua ciência e eficiência técnica para resolver suas adversidades microscópicas. De forma inversa, o aceite da colaboração internacional colocou em pauta a incapacidade da sociedade brasileira em solucionar seus próprios problemas nacionais, abrindo margem para uma intervenção externa. Em síntese, pode-se constatar desde o início da parceria Brasil-Rockefeller um discurso espinhoso em relação aos métodos e auxílios da fundação estadunidense na voz de parte da intelectualidade.

Por outro lado, se tomado enquanto material de análise apenas as contendas internacionais, incorremos em superestimar “[...] as motivações econômicas imediatas como chave explicativa das práticas e objetivos da Rockefeller”⁷, uma vez que o relacionamento entre Brasil e a Fundação Rockefeller foi duradouro. Ambas avaliações são relevantes para aferir o discurso de Penna na fonte examinada. A filantrópica instituição foi partícipe em diversos empreendimentos no combate às doenças desde meados da década de 1910. Na América Latina, de modo geral, atuou nas frentes da ancilostomíase, malária e febre amarela. Ao mesmo tempo, deixou pegadas em países como Costa Rica, México, Paraguai, Venezuela

⁶ LÖWY, Ilana. *Vírus, mosquitos e modernidade: a febre amarela no Brasil entre ciência e política*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. p. 134.

⁷ BENCHIMOL, Jaime Larry. *Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. p. 112.

Outros Tempos, vol. 14, n. 24, 2017 p. 17 - 34. ISSN: 1808-8031

e Brasil que, além dos seus métodos científicos, gerou muitas desconfiças em suas ações.⁸ No Brasil, a fundação internacional firmou parceria com o governo brasileiro e operou na saúde pública em diversas regiões e estados do país.⁹

A longevidade da parceria também deve ser sublinhada, pois a fundação filantrópica permaneceu no Brasil por décadas, angariando prestígio e ambição. Em um contexto geral, trabalhar para a Rockefeller era uma posição almejada, afinal, em termos financeiros, ganhava-se muito mais se comparado ao valor pago pelo governo brasileiro. Um legado interessante desse quadro está no depoimento do médico José Fonseca da Cunha, que compôs as linhas de trabalho da Fundação Rockefeller no combate à febre amarela na década de 1940. A entrevista editada pelas pesquisadoras Wanda Hamilton e Nara Azevedo expõe duas facetas que devem ser percebidas na legitimidade da Rockefeller, a saber, o prestígio e o salário. Segundo o médico, “[...] todos ganhavam muito bem. Eu não digo bem... nós ganhávamos muito bem! E ninguém queria perder aquele salário”. Ele exemplifica: “[...] Para você ter uma ideia, quando passamos para o Instituto Oswaldo Cruz, nosso salário era tão alto que causou um pouco de irritação aqui dentro”. E ainda compara: “Eu ganhava quatro mil e quinhentos cruzeiros, e um pesquisador como o Dr. Cássio Miranda, que estava no fim da carreira, ganhava três mil!”. A reputação atrelada aos funcionários da fundação e à construção de uma imagem positiva na sociedade foram fatores lembrados por José Fonseca da Cunha: “Nós éramos recebidos como se fôssemos os ‘embaixadores da saúde’”¹⁰.

O próprio Penna relacionou-se com a fundação em várias etapas de sua trajetória como sanitarista e lembrou a importância de tal parceria para a conjuntura da saúde brasileira. Além das referências em palestras e textos avulsos presentes em seu Fundo Pessoal, no livro *Saneamento do Brasil*, publicado em 1918, lembrava da investida da Fundação Rockefeller, sob a liderança do Dr. Ashford, em Capela Nova, município de Minas Gerais. Na missão, a fundação examinou mais de 1.800 indivíduos e teria identificado mais de 70% de opilados.

⁸ CUETO, Marcos. Los ciclos de la erradicación: la Fundación Rockefeller y la salud pública latinoamericana, 1918-1940. In: _____ (Org.). *Salud, cultura y sociedad en América Latina*. Lima: IEP/OPS, 1996. p.179-201; PALMER, Steven. *Gênese da saúde global: a Fundação Rockefeller no Caribe e na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2015.

⁹ FÁRIA, Lina. *Saúde e política: a Fundação Rockefeller e seus parceiros em São Paulo*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007; SERRANO-BOSQUET, Francisco Javier; CAPONI, Gustavo. Warren Weaver y el Programa de Biología Experimental de la Fundación Rockefeller. *Sci. stud.*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 137-167, 2010.

¹⁰ WANDA, Hamilton; AZEVEDO, Nara. A febre amarela no Brasil: memórias de um médico da Fundação Rockefeller. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 733-754, 1998.

Constataram também “[...] uma legião de doentes de moléstia de Chagas e grande número de leprosos”¹¹.

Como Lina Faria e Castro-Santos destacaram ao abordar a reforma sanitária no Brasil, médicos com experiência nas viagens científicas das duas primeiras décadas do século XX, como Arthur Neiva e Belisário Penna, sustentaram apoio às atividades da Fundação Rockefeller.¹² O próprio Neiva não considerava ameaçador para a ciência brasileira a vinda da referida fundação estadunidense. É preciso alertar que os dois cientistas possuíram papel de destaque nas denúncias da ausência do poder público e desassistência das populações brasileiras que habitavam fora dos grandes centros. Em viagem realizada em 1912, que originou o relatório *Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*, publicado em 1916, permitiu a constatação do estado de abandono e uma discussão mais presente nos anos seguintes acerca da necessidade de assistência daquilo que o médico Miguel Pereira eternizou como “imenso hospital”¹³. Em outras palavras, a forja desse retrato do país constituiu a mola propulsora para uma pauta de urgência de reformas na saúde pública brasileira a fim de transformá-lo em nação.¹⁴

Na carta de Penna a Raul Leitão da Cunha, a participação de Penna no contexto da Fundação Rockefeller no Brasil serve como argumento para legitimar sua crítica: “Sou insuspeito para falar da Rockefeller. Posso dizer que fui eu que a firmou no Brasil”¹⁵. Com essas palavras, o sanitarista brasileiro colocava-se na posição de autoridade no conhecimento das ações da Rockefeller, não somente ciente dos seus aparatos e funcionamento, mas como um responsável por firmar a parceria e colocá-la na agenda da saúde pública nacional.

Outro documento que endossa a proximidade entre Penna com a Rockefeller diz respeito a uma carta enviada ao médico estadunidense Fred Lowe Soper, um dos principais representantes da saúde pública da Rockefeller no Brasil no combate à febre amarela e à malária. Na narrativa da carta, Belisário Penna refere-se a Soper como um amigo e tece uma

¹¹ PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1918. p. 12.

¹² CASTRO-SANTOS, Luiz Antonio; FARIA, Lina Rodrigues de. *A reforma sanitária no Brasil: ecos da Primeira República*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.75-76.

¹³ SÁ, Dominichi Miranda de. Uma interpretação do Brasil como doença e rotina: a repercussão do relatório médico de Arthur Neiva e Belisário Penna (1917-1935). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 16, supl.1, p. 190, 2009.

¹⁴ HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1998; LIMA, Nísia Trindade. Uma brasileira médica: o Brasil Central na expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna e na viagem ao Tocantins de Julio Paternostro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 16, supl.1, p. 229-248, 2009; SÁ, op. cit.

¹⁵ PENNA, Belisário. *Carta de Belisário Penna a Raul Leitão da Cunha*. 26 de julho de 1923. Departamento de Arquivos e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD-COC), Rio de Janeiro, 1923. p. 4.

variedade de elogios acerca do seu desempenho e da Fundação Rockefeller nas tentativas em extirpar o “mal alado”. Transcrevo a correspondência:

Prezado amigo Sr. Dr. Fred Soper
 M. D. Diretor da Fundação Rockefeller
 Ao transmitir as funções do cargo de Diretor Geral do Departamento Nacional de Saúde Pública, ao meu substituto, cumpro, com grato prazer, a obrigação de agradecer a vossa inestimável colaboração à Saúde Pública brasileira, na cooperação ao combate à febre amarela. Estendendo a todos os vossos companheiros, os louvores a que fazeis jus pela prestimosa harmonia e evidente eficiência nos serviços que vos foram confiados, cabe-me a satisfação de ter verificado que as vossas tradições de técnico proficiente e zeloso dos vossos deveres, foram, ainda uma vez, postos em evidência. Fazendo votos sinceros pela vossa felicidade pessoal e pela vossa permanência no Brasil, subscrevo-me particularmente agradecido.
 amigo grato
 As. Belisário Penna¹⁶

Tal documento está no formato de cópia e sem datação. Pelas informações contidas, a carta parece ter sido escrita por volta de 1930, período em que Penna ocupava o cargo de diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP). Embora a carta a Soper esteja situada anos após àquela encaminhada a Leitão da Cunha, ela aparece como uma referência para demonstrar a composição de um discurso positivo elaborado por Penna da colaboração da Rockefeller na saúde pública nacional. A carta não é uma exceção. Em diversas palestras proferidas por Penna ao longo da sua trajetória é possível notar as menções favoráveis à Fundação Rockefeller no combate às endemias – como a ancilostomíase –, tanto pela participação da entidade estrangeira quanto pela forma técnica como compreende suas investidas.

Os agradecimentos de Penna a Soper não respondem apenas aos aspectos formais, mas revelam aquilo que o então diretor do DNSP considerava como pontos importantes da relação Rockefeller e Brasil. Em primeiro lugar, Penna reconhece o esforço da instituição enquanto coletivo, estendendo os agradecimentos a todos aqueles que colaboraram com as funções no país, sobremaneira, “[...] os louvores a que fazeis jus pela prestimosa harmonia e evidente eficiência nos serviços que vos foram confiados”. Depois, sublinha as “[...] tradições de técnico proficiente e zeloso dos vossos deveres” e o desejo pessoal de que Soper permaneça no Brasil.

¹⁶ PENNA, Belisário. *Carta de Belisário Penna a Fred Soper*. Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD-COC), Rio de Janeiro, (s/d).

Ao demonstrar as elogiosas referências de Penna acerca do desdobramento da Fundação Rockefeller na saúde pública brasileira, seja na segunda metade de 1910 ou nas décadas de 1920 e 1930, quais motivos levariam o sanitarista brasileiro a tecer duras críticas à fundação em 1923? Substancialmente, apesar das diretrizes e controvérsias no campo médico-científico, a Rockefeller era uma parceira viabilizadora do projeto de uma nação saneada. Todavia, até que ponto essas controvérsias não incomodaram? Ao passo que Penna considerava-se – e era considerado por seus contemporâneos – uma figura símbolo de patriotismo, em que medida o aceite de um auxílio internacional custava caro à soberania nacional e à autonomia brasileira? O documento a seguir propõe analisar um Penna preocupado com a liberdade, os métodos e as ações excessivas da Rockefeller no Brasil. A carta, mesmo em cunho privado, evidencia que a relação/sentimento entre Penna e a Fundação Rockefeller esteve balanceada em determinados momentos e não foi de total passividade e apoio.

Um combate ao mosquito e à ortodoxia

Começo este tópico fazendo alusão à epígrafe inicial do texto, um alerta escrito no final da carta de Belisário Penna a Raul Leitão da Cunha, precavendo seu destinatário dos malefícios da manutenção da parceria do governo brasileiro com a Fundação Rockefeller. Se lido apenas o fragmento: “Se algum dia nos advier alguma contrariedade por aceitarmos a colaboração da Rockefeller, não se dirá que não foi ela prevista e denunciada”¹⁷, sobressai a interpretação de um médico sanitarista receoso com as consequências intervencionistas da fundação no Brasil. Todavia, como exposto na primeira parte da pesquisa, Penna foi um entusiasta da aproximação da Rockefeller com o país em diferentes momentos da sua trajetória.

No documento em questão, salta aos olhos o extremo aborrecimento de Penna com as atitudes da Rockefeller. A data da correspondência, 26 de julho de 1923, remete ao ano da criação do Serviço de Profilaxia da Febre Amarela, juntamente com o Departamento Nacional de Saúde Pública. A carta é constituída de seis páginas e apresenta em sua narrativa um misto de nacionalismo exacerbado com a repulsa ao modo de execução técnica e ideológica dos médicos da instituição estrangeira no combate à febre amarela. No entanto,

¹⁷ PENNA, Belisário. *Carta de Belisário Penna a Raul Leitão da Cunha*. 26 de julho de 1923. Departamento de Arquivos e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD-COC), Rio de Janeiro, 1923, p. 6.

Penna denunciava os cientistas estadunidenses por considerá-los soberbos em relação aos médicos nacionais, uma vez que o “soberano desprezo” dificultava a aproximação.

O destinatário da carta foi o médico e político brasileiro Raul Leitão da Cunha (1881-1947), conhecido por ocupar o Ministério da Educação no Brasil no governo de José Linhares, entre 1945-1946, substituindo Gustavo Capanema. No ano em que recebe a carta de Penna, Leitão da Cunha estava na direção dos Serviços Sanitários do Rio de Janeiro, sob a chancela do médico Carlos Chagas. Sendo assim, a desconfiança apresentada por Penna não era direcionada apenas ao amigo médico, mas a um profissional que entendia a sua denúncia e estava situado em uma posição política e institucional que poderia endossar ou fazer circular os seus argumentos.

Inicialmente, a carta sugere as intenções imperialistas dos Estados Unidos no país em que se fixava para desenvolver sua filantropia. Penna optou por manifestar a Leitão da Cunha como os “americanos do norte” avaliavam os povos da América Latina, principalmente o Brasil, que, segundo alguns conferencistas, era um país com “maior corrupção de costumes” e desaconselhavam a mocidade a tráfegar por essas terras. A escrita da carta seria justificada perante a necessidade de informar Leitão da Cunha sobre tais perigos, uma vez que “[...] com o governo americano do norte os povos francos não podem brincar”¹⁸. Por este ponto de vista, Penna caracterizava o estilo soberbo dos estadunidenses.

A ponderação da propensa “superioridade” *versus* a “inferioridade” nas condutas morais dos povos ajudou a fundamentar o argumento posterior no qual a Rockefeller atuaria no Brasil sob a condição de impor sua metodologia de trabalho, considerada mais eficaz que aquela adotada por cientistas nacionais. Então, dois pilares correspondem ao núcleo da sua tentativa de convencimento a Leitão da Cunha: o aspecto soberano entre as nações e as técnicas científicas no controle à febre amarela. Para tanto, Penna relata ao seu interlocutor que em conversa com Carlos Chagas solicitou algumas condições antes da viabilização da parceria, entre elas: “[...] autonomia completa técnica e na extensão dos trabalhos, autonomia completa na escolha do pessoal auxiliar”¹⁹. Penna estaria preocupado com o grau de intervencionismo e o protagonismo da Rockefeller.

A força interveniente da filantrópica instituição pode ser explicada por Maria Marinho nas relações científicas com a Universidade de São Paulo. Em meio à sua perspectiva analítica, mais findada no segundo quartel do século XX, a autora retrata a

¹⁸ Ibid., p. 1.

¹⁹ Ibid.

presença da instituição norte-americana em projetos com a universidade paulista.²⁰ A agência internacional operaria como interventora e modeladora científica nos locais institucionais que procedia, regida pela sua cartilha de concepções de práticas e técnicas científicas. Entre as formas de ações estavam a frequência do intercâmbio entre cientistas, fomentação de bolsas, instrumentos e incentivos – como ocorreu na chamada “Revolução Verde”, no México. As iniciativas eram geralmente a partir de um convênio *in loco*, no qual uma forte relação de poder muito próxima era mantida com o governo. Além disso, havia enquanto característica uma certa imposição de políticas próprias de combate às doenças. Algumas dessas questões interventoras ou modeladoras podem ser observadas no campo da educação, especialmente porque a Rockefeller constatou que a adoção do modelo francês e o excesso no campo clínico sobressaíam ao laboratorial, o que era prejudicial.²¹ A rigor, a Rockefeller rompia as barreiras de suas fronteiras para executar um programa ideológico particular.

A disputa da técnica de execução ao combate às endemias torna-se mais evidente quando Penna sugere que o responsável pela comissão, Dr. Joseph Hill White²² – nomeado pela Fundação Rockefeller em 1921 como diretor da campanha mundial contra a Febre Amarela –: “[...] vem fazer o serviço com a sua técnica e seu pessoal superior”²³. A provocação proferida por Penna acerca da “técnica e pessoal superior” oferece a dimensão da crise estabelecida entre uma parcela dos cientistas brasileiros e Fundação Rockefeller no tratamento das questões científicas de combate às endemias e a ação no campo do sanitário do país. Para Castro-Santos, por exemplo,

[...] as atividades da Fundação Rockefeller no Brasil não partiam do zero: a Fundação encontra no Brasil uma tradição de pesquisa bacteriológica e uma tradição ‘higienista’ - verdadeiras escolas formadas por Oswaldo Cruz, no Rio, e por Emílio Ribas e Adolfo Lutz, em São Paulo. A missão estrangeira teve que se ajustar, a meu ver, àquelas tradições que precedem sua vinda ao Brasil.²⁴

²⁰ MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. *Norte-americanos no Brasil: uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1934-1952)*. São Paulo: Editora Autores Associados, 2001. p. 33.

²¹ CUETO, op. cit., p.185.

²² FLANDERS, Lorene. *Joseph Hill White (1859-1953)*. 2003. Disponível em: <http://www.georgiaencyclopedia.org/articles/science-medicine/joseph-hill-white-1859-1953>. Acesso em: 10 fev. 2016.

²³ PENNA, Belisário. *Carta de Belisário Penna a Raul Leitão da Cunha*. 26 de julho de 1923. Departamento de Arquivos e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD-COC), Rio de Janeiro, 1923. p.1.

²⁴ CASTRO SANTOS, Luiz Antonio. A Fundação Rockefeller e O Estado Nacional: História e política de uma missão médica no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos da População*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 107-108, 1989.

Castro-Santos tem razão quando afirma que a Fundação Rockefeller deparou-se no Brasil com uma organização científica estabelecida, com seus próprios agentes, instituições e metodologias de trabalho.²⁵ Entretanto, as pesquisas como a de Marinho, Cueto e Benchimol têm mostrado que as controvérsias na execução das atividades científicas ocorreram de forma mais complexa. Entre as controvérsias estabelecidas, Penna era adepto da prática do expurgo no controle ao mosquito e relatou a Leitão da Cunha a importância da manutenção dessa técnica para a resolução do combate à febre amarela, ignorada pela Rockefeller. Entre os itens destacado por Penna, ressalta-se o segundo:

2º- Não fazem nem expurgo, nem isolamento, nem vigilância; tudo isso custa muito mais dinheiro do que poderiam valer as vidas poupadas. Se o meu amigo Dr. Leitão da Cunha, também latino e brasileiro de baixos sentimentos afetivos, morando numa cidade onde reinasse a febre amarela e contra ela houvesse serviços, ouvisse do chefe desses serviços: "-não faço expurgo na casa do seu vizinho onde houve um caso de febre amarela, embora o mosquito lá infectado possa vir para sua casa e matar o seu filhinho ou a sua própria pessoa, porque o expurgo custaria três contos de réis americanos e uma vida brasileira não vale isso, e embora com mais vagar e morrendo muito mais gente, mas com muito maior economia, isto é, só com a polícia de focos, terminarei por acabar com a epidemia" se o meu amigo ouvisse isso, o que teria ímpetos de responder ou fazer?"²⁶

Inicialmente, Penna sublinha a ausência de empatia da Fundação Rockefeller com a população brasileira. O barateamento das intervenções não deveria pôr em risco o tratamento com a população. Posteriormente, enfatizaria a disputa técnica em debate no meio médico e sanitário. Enquanto os sanitários brasileiros aderiam o modelo de combate por meio de fumigação, técnica consagrada por Oswaldo Cruz e suas campanhas contra a febre amarela no início do século XX, "Os médicos da Rockefeller consideravam esse método caro e ineficiente. Julgavam que era mais eficaz e barato atacar o mosquito no início de seu ciclo de vida, na forma larvária, antes que pudesse depositar ovos e infectar seres humanos"²⁷. Contata-se o esforço de Penna em relativizar justamente a questão econômica, um fator determinante para o argumento, pois com os custos baixos para fomentar técnicas consideradas impróprias e ineficazes, a vida do brasileiro era posta em risco.

Por conseguinte, o terceiro item destacado por Penna explora de forma mais rigorosa a fundamentação técnica. A questão foi pautada na controvérsia da utilização de

²⁵ BENCHIMOL, Jaime Larry; TEIXEIRA, Luiz Antonio. *Cobras, lagartos & outros bichos: uma história comparada dos institutos Oswaldo Cruz e Butantan*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

²⁶ PENNA, Belisário. *Carta de Belisário Penna a Raul Leitão da Cunha*. 26 de julho de 1923. Departamento de Arquivos e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD-COC), Rio de Janeiro, 1923, p. 3.

²⁷ BENCHIMOL. *Febre amarela...* op.cit., p. 116.

peixes larvófagos como medida profilática de ação para o combate à febre amarela. Este foi um dos temas espinhosos que acirrou os ânimos em torno das eficiências técnicas entre médicos da Rockefeller e sanitaristas brasileiros. De forma combativa, Penna assevera:

3º- Pretendem fazer a polícia de focos como único elemento de combate, e fazê-la quase que exclusivamente com peixes larvófagos. Deitam peixes até nos moringues d'água de beber e "o morador há de a isso se sujeitar, nem que preciso seja meter-lhe o chicote".

Essa gente só tem feito a profilaxia amarílica no país dos outros, encarando as coisas antes pelo lado financeiro do que pelo humanitário, em países incultos e escravizados - África, México, Peru, Guatemala, Cuba, Panamá, onde a tudo se submetem docilmente os habitantes. Estão certos de encontrar essa mesma passividade no brasileiro em geral. Poderão com essa ilusão trazer para o nosso governo, não peque os dissabores. No dia em que, em qualquer casa do norte, um deles teimar em deitar peixe na caixa d'água ou na talha d'água de beber, estará faltamente destripado pela primeira faca ao alcance da mão do morador.

Para a Rockefeller, a utilização dos peixes larvófagos era pertinente principalmente pela sua concepção de combate ao chamado “foco-chave”. Como pontuei no início do fragmento, esta era uma concepção que Penna e diversos cientistas brasileiros discordavam profundamente. Por outro lado, a Rockefeller acreditava na eficiência do uso dos peixes larvófagos e salientava que “[...] as autoridades brasileiras usavam as fumigações como ‘jogo de cena’, para esconder deficiências que eram endêmicas em todos os níveis da administração pública”. Mais ainda, os cientistas brasileiros “Hostilizavam as ações antilarvárias por não se prestarem ao exibicionismo e por implicarem grau elevado de intervenção na rotina dos habitantes”²⁸.

A resposta de Penna para a questão técnica envolve o argumento do jogo coercitivo da Rockefeller como pressuposto. Para ele, a instituição estadunidense utilizaria de todos os meios possíveis para impor seus métodos, mesmo que o caráter humanitário fosse desrespeitado no andamento do processo de execução. Penna inflamava seu argumento tomando como exemplo os empreendimentos da Fundação Rockefeller no continente africano e em países como México, Peru, Guatemala, Cuba e Panamá, localidades que, segundo ele, perderam sua autonomia ao se curvarem frente à necessidade de resolução imediata dos seus problemas de saúde pública. O Brasil deveria adotar uma postura diferente. Para exemplificar como o brasileiro não compactuaria com as imposições da Rockefeller, Penna escreve que se algum agente da fundação tentasse ordenar moradores de uma localidade a consumir água

²⁸ Ibid., p. 117.

com peixes larvófagos “[...] estará faltamente destripado pela primeira faca ao alcance da mão do morador”. Em outras palavras, o brasileiro assumiria seu patriotismo e suas decisões autônomas e não se curvaria como outros povos.

Um risco à soberania: quando o perigo vem do norte

Outro conteúdo relevante a ser trabalhado diz respeito às expressivas referências nacionalistas de Belisário Penna na defesa da sua crítica à Fundação Rockefeller. Um tema presente na análise da sua trajetória, pois a compreensão de que Penna era um símbolo de homem público, preocupado com a nação e não com enriquecimento pessoal, fez parte da construção da sua memória. Mesmo sabendo que o discurso de Penna como exemplo patriótico foi próprio de seus contemporâneos, é preciso destacar que sua atuação como homem público envolveu convicções e interesses políticos particulares ou de grupos aos quais se filiava. De tal modo, Castro-Santos faz uma indagação interessante sobre a atmosfera nacionalista da época e o caráter de uma organização estrangeira participando e propondo soluções para os problemas de saúde pública do Brasil: “Dada a retórica nacionalista da época, como explicar a inexistência de uma corrente política de oposição à missão estrangeira?”²⁹. Para este autor, a explicação estaria no papel de “sócia menor” representada pela fundação junto ao estado brasileiro no movimento sanitário.

Como fiz questão de ressaltar, deve-se sublinhar o documento para além da retórica nacionalista, mas aliado às disputas de *establishment*, especialmente no âmbito científico. No entanto, o discurso patriótico de Penna vai ao encontro da reflexão de Castro-Santos ao incluir na discussão a ausência de uma corrente política em oposição às investidas da Rockefeller. Embora Penna e Cunha fossem médicos, o caráter da carta transparece um diálogo político de dois indivíduos presentes nas decisões administrativas do país. Em outras palavras, a carta pode ser compreendida como uma evidência da resistência que Castro-Santos indagou acerca do processo de incorporação da Rockefeller no contexto brasileiro da saúde pública. Tal resistência por parte de Penna parece ter acontecido, ao menos à luz da correspondência.

À época, Penna gozava de um prestígio médico e político considerável. Além de exercer funções na inspetoria sanitária desde o início do século XX, atuou no campo da saúde pública e em viagens científicas com o Instituto de Manguinhos e Oswaldo Cruz. Até a datação da carta, havia ocupado os cargos de diretor do Serviço de Profilaxia Rural do Distrito Federal (1918) e diretor da Diretoria de Saneamento Rural (1920). Em termos de

²⁹ CASTRO SANTOS, op. cit., p. 108.

títulos, era membro efetivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (1918) e membro honorário na icônica Academia Nacional de Medicina (1922). Na vida intelectual era conhecido por dezenas de trabalhos publicados em periódicos de grande circulação e autor de *Saneamento do Brasil*, obra militante do saneamento brasileiro que foi amplamente repercutida no período.

Em 1923, o DNSP estava sob a administração de Carlos Chagas. O cientista brasileiro assumiu a diretoria entre 1919 a 1923. Entre seus principais atos consistiu a elaboração de um código sanitário brasileiro e a concretização da parceria firmada com a Fundação Rockefeller para a ampliação no combate às endemias no país³⁰.

A relação de Penna com Chagas era de longa data, ambos estiveram juntos em 1907 no combate ao impaludismo em Minas Gerais. Penna foi testemunha da consagrada descoberta na cidade mineira de Lassance, do *Trypanosoma cruzi*, protozoário responsável pela doença que ficou posteriormente conhecida como Doença de Chagas. Em síntese, se havia alguém com poderes suficientes para apoiar Penna em uma empreitada contra a Rockefeller, este homem era Carlos Chagas. Todavia, o desfecho foi a manutenção da parceria do Brasil com a fundação internacional.

Por este aspecto, entende-se por que Penna remeteu a carta a Raul Leitão da Cunha. Talvez acreditasse que o diretor de Serviços Sanitários do Rio de Janeiro conseguiria fazer ecoar suas críticas e juntar-se ao fronte contra a instituição estadunidense. Além de tecer os aspectos técnicos, o nacionalismo ganhou lugar privilegiado na carta. Em determinado momento, Penna considerou a Rockefeller como uma inimiga nacional:

E se tais contrariedades nos hão de vir, não será melhor que os americanos nos deixem com a nossa febre amarela?
Quando o maior impugnador à conquista do México, já catequizado para o cristianismo, era levado ao patíbulo, disse ao confessor que lhe acenava com o paraíso, caso perdoasse seus inimigos: - ‘padre, se os inimigos de minha pátria também pode ir ter a esse paraíso, eu não quero ir para lá’.
Não é o caso?³¹

A anedota narrada por Penna exprime em certa maneira suas considerações de um obstáculo referente à soberania nacional. Em desacordo com a metodologia e o alto

³⁰ KROPF, Simone Petraglia. *Doença de Chagas, doença do Brasil: ciência, saúde e nação*. 536 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006. p. 196.

³¹ PENNA, Belisário. *Carta de Belisário Penna a Raul Leitão da Cunha*. 26 de julho de 1923. Departamento de Arquivos e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD-COC), Rio de Janeiro, 1923. p. 2.

orçamento da Fundação Rockefeller, Penna indagou se o seu Departamento não poderia assumir perante o governo federal o posto da Rockefeller, recebendo as mesmas cifras. Penna vai mais longe e diz-se apto a encarregar-se “Perante o Departamento, o solene compromisso de extinguir com aquela quantia a febre amarela no território nacional [...]”³² Para tal investida, cita o nome de Oswaldo Cruz e seus esforços na profilaxia da febre amarela, bem como o sucesso que obteve na primeira década do século XX. Do mesmo modo, afirma que se os recursos fossem aplicados em seu departamento, seria capaz de extinguir a febre amarela no prazo de um ano.

A demanda orçamentária desencadeou uma crítica ao modelo de gestão local da Rockefeller no Brasil, algo que Castro-Santos chamou de “[...] as tensões entre centro e periferia no processo de distribuição dos recursos de saúde e de saneamento”³³. A vinda da fundação coadunava com as necessidades elencadas pelos sanitaristas brasileiros em abranger localidades inóspitas do país. Eram locais em que o poder público dificilmente pesaria sua mão saneadora. O saneamento brasileiro idealizava uma integração nacional como forma de identidade nacional e, portanto, a saúde pública não deveria ser privilégio unicamente das grandes capitais ou cidades, mas da população em sua totalidade. Este sentido nacionalista evoca a reclamação de Penna sobre o modelo de ação campal da Rockefeller. Vejamos:

1º- Só fazem o serviço em poucos e determinados pontos do país - cidades grandes (mais de 25.000 habitantes) como no norte do Brasil haverá umas quatro ou cinco apenas, grandes centro de imigração, portos demandados por vapores estrangeiros. [...] Dr. White nem quis olhar para o mapa e ver as cidades do interior onde tem havido atualmente a febre amarela neste Estado. Morra ali quem morrer, não vale a pena ir até lá. Por isso não viaja para o interior do Brasil. Tendo estado 32 horas em Ilhéus, não conseguiu o Dr. Peryassú fazê-lo ir à terra. Aqui, só queria dar uma volta de automóvel para ter uma ideia geral da cidade. Não quis ver o interior de uma só casa.³⁴

Em tom de inconformismo, Penna entendia a luta pelo saneamento quase como um ofício messiânico, pois era preciso, se necessário, percorrer de casa em casa, bairro em bairro, cidade em cidade, até que a ameaça alada deixasse de ceifar almas do povo brasileiro. No plano das tradições científicas, em pleno embate, relatava as perspectivas diferenciadas no combate às endemias. Penna diagnosticou, além da ineficiência, um descaso humanitário, uma vez que a Rockefeller não se deslocava para lugares de menor população por não considerar

³² Ibid., p. 5.

³³ CASTRO SANTOS, op. cit., p. 108.

³⁴ PENNA, Belisário. *Carta de Belisário Penna a Raul Leitão da Cunha*. 26 de julho de 1923. Departamento de Arquivos e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD-COC), Rio de Janeiro, 1923, p. 2.

válida a vida do brasileiro. Para os caciques da Rockefeller, como o Dr. White, que se negava a percorrer determinados lugares se não fosse de automóvel³⁵, havia um descaso com o brasileiro e uma insistência na concepção do foco-chave.

Em meio à crítica de Penna sobre o fato da Rockefeller privilegiar apenas os grandes centros urbanos, um ponto se sobressai. Na página três, Penna questiona qual seria a opinião do Presidente Artur Bernardes ou do Ministro Dr. João Luiz, caso “[...] soubesse(m) que a febre amarela estava a matar os seus amigos e os seus parentes em Viçosa ou Juiz de Fora”³⁶ e o responsável pelas ações de combate à febre amarela se negasse a interferir naquelas localidades devido à quantidade da população não atender à escala mínima estipulada para uma intervenção. Ao citar as cidades mineiras de Viçosa e Juiz de Fora, Penna recorria para as localidades de nascimento de Artur Bernardes e João Luiz como forma de comoção. Afinal, tais autoridades não gostariam de ver seus municípios tomados pela febre amarela. É oportuno mencionar que Penna residiu em Juiz de Fora no final do século XIX e perdeu sua primeira esposa vitimada por um surto de febre amarela na região. Portanto, a referência faz alusão a uma experiência vivenciada pelo sanitarista brasileiro.

Em vista da urgência em abraçar a maior parte do território no projeto de saneamento, vários médicos sanitaristas compactuavam com as teses da necessidade de uma organização nacional, a reboque de Alberto Torres, que expandiria os cuidados com a salubridade para uma nação integrada. Uma perspectiva que almejava mudar a forma como os governos administravam as localidades mais distantes dos centros urbanos. Isto, em especial, concatena-se com o que Nísia Trindade Lima mencionou como parte da incorporação das áreas rurais dialogando com um projeto civilizatório, postada na cartilha de intelectuais do sanitarismo do período.³⁷ Um dos resultados dessa perspectiva acarretou na criação da Liga Pró-Saneamento do Brasil, por Belisário Penna. A Liga apresentava um cunho fortemente nacionalista que pretendia amplificar os problemas do interior brasileiro para as autoridades do país. Em suma, como expõe Lima e Hochman, “[...] o movimento pelo saneamento possuiu um papel central e prolongado na reconstrução da identidade nacional a partir da identificação da doença como elemento distintivo da condição de ser brasileiro”³⁸. Portanto, não se pode ignorar a validade de um projeto de nação na mira de intelectuais como Penna.

³⁵ Ibid., p. 3.

³⁶ Ibid., p. 6.

³⁷ LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ; UCAM, 1999. p. 120.

³⁸ LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Pouca saúde, muita saúva os males do Brasil são - Discurso médico-sanitário e Interpretação do país. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 316, 2000.

Por fim, a título de curiosidade, há um *post scriptum* escrito por Penna com os dizeres: “O Dr. Peryassú lhe dirá, de viva voz, o que o Dr. White, imaginando que ele nada entendesse de inglês, dizia ao mocinho que veio como intérprete”³⁹. O enigmático excerto refere-se ao Dr. Antônio Gonçalves Peryassú, formado na Universidade da Bahia, participante das campanhas de prevenção da febre amarela e malária. Na situação em questão, ele estaria com o Joseph Hill White, da Rockefeller, e um intérprete local. Sem acreditar que o Dr. Peryassú fosse fluente na língua inglesa, o Dr. White teria dito algo grave ao intérprete que os acompanhava. Penna sugere que o Dr. Peryassú poderia dizer a Leitão da Cunha a gravidade do conteúdo da conversa, no entanto, ao menos nas fontes consultadas, não há indício da conversa entre Dr. White e o intérprete. Seguindo a lógica da carta, é provável que o conteúdo da conversa entre Dr. White e o intérprete não tenha sido algo positivo, uma vez que serve de argumento para a crítica de Penna.

Considerações Finais

Em primeiro lugar, antes mesmo de pontuar as considerações do texto apresentado, uma das expectativas na confecção desse trabalho consistiu na abordagem de um debate entre história das ciências e o pensamento social e político no Brasil. Ao trazer Belisário Penna a partir das fontes do seu Fundo Pessoal, particularmente uma carta endereçada a Leitão da Cunha, procurei observar com mais profundidade suas formas de interpretar o país e os argumentos muitas vezes de caráter pessoal, somente possíveis de serem examinados em uma análise de material mais restrito, como no conjunto de correspondências. O agrupamento de referências bibliográficas eleitas para dialogar com a temática deste artigo é sintomático para demonstrar o estado da arte dos estudos sobre Penna e a riqueza com que este intelectual ganhou os holofotes nas últimas décadas.

Assim sendo, meu argumento central foi pautado na relação entre Penna e a Fundação Rockefeller, uma vez que há um emaranhado de evidências que sinaliza para a cooperação entre a agência e o sanitarista brasileiro. Mais ainda, Penna seria um entusiasta da parceria em diferentes recortes temporais. Todavia, o documento analisado expõe uma perspectiva diferente, pautada em desconfianças e críticas no andamento dessa cooperação.

Esta etapa turbulenta da relação deu-se em vista às discordâncias das técnicas de combate à febre amarela empregadas pela Fundação Rockefeller com os procedimentos

³⁹ PENNA, Belisário. *Carta de Belisário Penna a Raul Leitão da Cunha*. 26 de julho de 1923. Departamento de Arquivos e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD-COC), Rio de Janeiro, 1923, p. 6.

executados pelos médicos brasileiros. Uma disputa entre tradições de escolas médicas e sanitaristas que evidencia as instabilidades de uma relação de formação médica e poder de execução do conhecimento científico. A Rockefeller veio ao Brasil com uma série de exigências, seja na prática científica ou na organização burocrática. Esta autonomia foi considerada exagerada por muitos intelectuais, notadamente pelo fato do Brasil ter em seu histórico uma tradição de combate às doenças considerada de sucesso – ligada, entre outros, ao Instituto de Manguinhos e Oswaldo Cruz.

Tal autonomia à fundação internacional suscitou, em parte da intelectualidade médica e política, a interpretação das consequências negativas para a soberania nacional. Embora a parceria tenha se mostrado assaz efetiva, os estadunidenses eram observados como de um país conquistador de nações, como relatou Penna nos casos do continente africano e em países como México, Peru, Guatemala, Cuba e Panamá. Em um momento tão peculiar como fora o entreguerras, no qual o discurso nacionalista moldava a trajetória de políticos e intelectuais, é de se imaginar que vozes, mesmo que timidamente, se levantassem para indagar a pertinência de parcerias sob esses moldes intervencionistas. Transparece que as contestações referentes à Rockefeller não atingiram o mesmo patamar da crítica à imigração, por exemplo, sobretudo no que concerne aos receios de determinados "tipos humanos" de imigrantes para a soberania nacional. A explicação deve-se, ao menos em parte, à crença na Rockefeller como uma colaboradora temporária e de sucesso – como na atuação em São Paulo –, em que o Estado possuía controles de seus contratos e, ao mesmo tempo, era uma saída importante para uma gama de problemas de saúde pública que o federalismo era aparentemente incapaz de resolver. Assim, mesmo podendo interpretar Penna como um parceiro da fundação, antes e depois da carta a Leitão da Cunha, ele nem sempre se manteve fiel às convicções da viabilidade da manutenção da parceria. A carta a Leitão da Cunha pode ser entendida como uma tentativa de "levante", uma voz contra a Fundação Rockefeller, revelando os aspectos de discordância e insatisfação de lideranças da saúde pública brasileira. Como notado no andamento da análise, não parece ter havido maiores contratemplos, uma vez que as parcerias continuaram por um longo tempo, inclusive com a anuência de Penna. Todavia, mesmo sem um efeito maior, as controvérsias e críticas estavam presentes na ordem do dia.